



1700º ANO DO CONCÍLIO DE NICÉIA E 60º ANO DO ENCERRAMENTO DO CONCÍLIO VATICANO II DOSSIÊ Nº 2

doi: [10.25247/paralellus.2025.v16n39.p507-523](https://doi.org/10.25247/paralellus.2025.v16n39.p507-523)

A PEREGRINAÇÃO À LUZ DOS SALMOS 120-134: O CASO DO MORRO DA CONCEIÇÃO

THE PILGRIMAGE IN LIGHT OF PSALMS 120-134: THE CASE OF MORRO DA CONCEIÇÃO

PEREGRINACIÓN A LA LUZ DE LOS SALMOS 120-134: EL CASO DE LA COLINA DE LA CONCEPCIÓN

*Rita Maria Gomes**

*Edmara Ferreira de Lima***

RESUMO

O presente estudo analisa a temática da peregrinação partindo dos “cantos de subida” (Sl 120-134) e a importância das festas e peregrinações como lugar de encontro com Deus e identidade do povo, tendo como atualização a vivência da festa da Imaculada Conceição do Morro em Recife. O objetivo é encontrar as semelhanças entre a peregrinação ao Templo de Jerusalém e ao Santuário do Morro da Conceição. A metodologia consta de revisão de literatura existente sobre o tema. O estudo está dividido em três aspectos: no primeiro é desenvolvido a temática da peregrinação, partindo do contexto bíblico das festas de peregrinação em paralelo com a peregrinação da Festa da Imaculada Conceição do Morro em Recife. Em seguida, analisa-se os salmo e cânticos que preparam o povo para o encontro com Deus no lugar da peregrinação. E por último analisa-se a teologia da “subida” ao monte/montanha no antigo Israel e no Morro da Conceição. A conclusão a que se pretende chegar é que o povo de Israel e o povo de Recife fazem a experiência com Deus cada um subindo ao seu santuário.

* Doutorado (2017) em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, com estágio na Université Catholique de Louvain (Bélgica). E-mail: rita.gomes@unicap.br.

** Mestranda em Teologia na Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP. Graduada em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP. E-mail: edmara_lima@yahoo.com.br.



Palavras-chave: Peregrinação. Salmos de subida. Templo de Jerusalém. Morro da Conceição – Recife.

ABSTRACT

This study analyzes the theme of pilgrimage based on the “songs of ascent” (Ps 120-134) and the importance of festivals and pilgrimages as a place of encounter with God and identity of the people, taking as an update the experience of the feast of the Immaculate Conception of Morro in Recife. The objective is to find the similarities between the pilgrimage to the Temple of Jerusalem and the Sanctuary of Morro of Conception. The methodology consists of a review of existing literature on the subject. The study is divided into three aspects: the first develops the theme of pilgrimage, based on the biblical context of pilgrimage festivals in parallel with the pilgrimage of the Feast of the Immaculate Conception of Morro in Recife. Next, the psalms and songs that prepare the people for the encounter with God in the place of pilgrimage are analyzed. And finally, the theology of the “ascent” to the mount/mountain in ancient Israel and in Morro da Conceição is analyzed. The conclusion we want to reach is that the people of Israel and the people of Recife have an experience with God, each one going up to his sanctuary.

Keywords: Peregrination. Psalms of ascent. Temple of Jerusalem. Morro da Conceição – Recife.

RIASSUNTO

El presente estudio analiza el tema de la peregrinación a partir de los «cánticos de ascensión» (Sal 120-134) y la importancia de las fiestas y peregrinaciones como lugar de encuentro con Dios y de identidad del pueblo, tomando como referencia la celebración de la fiesta de la Inmaculada Concepción de la Colina en Recife. El objetivo es encontrar las similitudes entre la peregrinación al Templo de Jerusalén y al Santuario de la Colina de la Concepción. La metodología consiste en la revisión de la literatura existente sobre el tema. El estudio se divide en tres aspectos: en el primero se desarrolla el tema de la peregrinación, partiendo del contexto bíblico de las fiestas de peregrinación en paralelo con la peregrinación de la Fiesta de la Inmaculada Concepción de la Colina en Recife. A continuación, se analizan los salmos y cánticos que preparan al pueblo para el encuentro con Dios en el lugar de peregrinación. Y, por último, se analiza la teología de la «subida» al monte/montaña en el antiguo Israel y en Colina de la Concepción. La conclusión a la que se pretende llegar es que el pueblo de Israel y el pueblo de Recife experimentan a Dios subiendo cada uno a su santuario.

Palabras clave: Peregrinación; Salmos de subida; Templo de Jerusalén; Colina de la Concepción – Recife.

1 INTRODUÇÃO

A temática da peregrinação é sempre atual e hoje, além da questão religiosa, também apresenta a questão cultural. Desde a origem, no contexto bíblico do povo de Israel, a peregrinação é uma forma de busca pelo sagrado que exige uma preparação espiritual e um lugar para o encontro com Deus. Na Bíblia, o lugar sagrado referencial é a montanha, o lugar mais alto, pois é aonde se chega mais próximo de Deus, já que na cosmologia bíblica o céu é sua morada.

As peregrinações eram realizadas com cânticos próprios para essa ocasião. No livro dos Salmos encontramos um bloco dos cantos (Sl 120-134) chamados salmos de subida/romaria/peregrinação. Autores como Asensio (1994) e Pikaza (2015) corroboram que estes salmos eram entoados pelos peregrinos que subiam a Jerusalém para as festas. Nada diferente do que ocorre hoje em nossas procissões e caminhadas. Herança judaica que herdamos com alegria. Tais aspectos são abordados neste estudo pelo paralelo entre o povo de Israel e o povo de Recife, cada qual subindo ao seu santuário.

O trabalho se apresenta em três aspectos. O primeiro aspecto desenvolvido é a temática da peregrinação, situada no contexto bíblico dentro das festas judaicas em paralelo com a atual peregrinação da Festa da Imaculada Conceição do Morro em Recife. No segundo aspecto, analisa-se o uso do Saltério nas festas de peregrinação. Quais salmos e cânticos preparam o povo para o encontro com Deus no lugar da peregrinação? E no terceiro e último aspecto, aborda-se a teologia da “subida” ao monte/montanha no antigo Israel e no Morro da Conceição.

2 A EXPERIÊNCIA DE PEREGRINAÇÃO

A peregrinação é um movimento que sempre existiu no contexto religioso. Para Barros e Peregrino, “a peregrinação é uma prática antiga e comum à maioria das religiões. Desde a antiguidade, existem peregrinações em todas as religiões mais conhecidas” (1996, p. 34). Segundo Pikaza, o “peregrino é alguém que vai longe, geralmente a pé, atravessando campos (a palavra está relacionada com ager, campo), sobretudo para visitar um santuário, em tempos determinados, realizando um rito religioso” (2015, p. 1013). Corroborando o conceito anterior, Cordeiro afirma que “uma peregrinação no sentido do per agros do latim, ou seja, pelos campos, é uma viagem realizada por seguidor de uma dada religião a um lugar reputado como sagrado” (2011, p. 74).

Dentro do campo semântico da palavra peregrinação encontramos outro termo que designa o mesmo movimento que é a romaria. Assim, “as romarias, seriam caracterizadas por percursos mais curtos, envolvendo festas e devoção, além de larga participação comunitária” (Cordeiro, 2011, p. 94).

No contexto bíblico, a peregrinação remonta a Abraão que fez a experiência com Deus e partiu para a terra indicada em herança à sua posteridade. Nesta caminhada passa por santuários para adorar a Deus. A mesma experiência é vivida por outros patriarcas. A Isaac, Deus se revelou em Bersabeia (Gn 26, 23-24) e a Jacó em Betel (Gn 28,18-19). Ao povo escravo no Egito, Deus revela-se e envia Moisés para libertar o povo da escravidão e levá-lo pelo caminho de três dias de marcha no deserto para sacrificar em adoração a Deus. A Páscoa e o Êxodo foram eventos fundantes da identidade do povo de Israel. O povo com quem Deus fez Aliança no monte Sinai entregando a Lei a Moisés.

O povo se estabeleceu na terra e continuou as várias etapas de sua história: tempo dos juízes, da monarquia até o Exílio da Babilônia. No tempo da monarquia “quando mais tarde o povo se estabeleceu na terra e se tornou um estado, Davi instalou a arca de Deus em Jerusalém (2Sm 6) e Salomão construiu o templo (1Rs 5-8)” (Barros; Peregrino, 1996, p. 45).

O culto então foi centralizado no templo de Jerusalém onde eram celebradas as festas anuais. Mas, no ano 587, o rei da Babilônia invadiu Jerusalém, incendiou o templo, o palácio real e as casas levando o povo cativo. Barros e Peregrino comentam sobre a volta do Exílio da Babilônia e sobre a restauração do templo, pois “foi em redor do templo que a comunidade fiel resistiu aos assírios na chamada guerra dos Macabeus. Eles reconquistaram para Israel a liberdade perdida e novamente consagraram o templo e deram mais força às romarias (1996, p. 47-48).

No tempo de Jesus vemos a presença das sinagogas e do templo de Jerusalém que será destruído no ano 70 d.C. Os evangelhos relatam acontecimentos no contexto das peregrinações e das festas anuais. O evangelho de Lucas fala que “seus pais iam todos os anos a Jerusalém para a festa da Páscoa. Quando o menino completou doze anos, segundo o costume, subiram para a festa” (Lc 2,41-42). O evangelho de João, diferente dos sinóticos, mostra Jesus subindo a Jerusalém várias vezes por ocasião das festas (Jo 2, 13; 5,1; 7,2; 10,22). Na vivência das primeiras comunidades cristãs vemos a atividade dos apóstolos no espaço do templo de Jerusalém, mas após a sua destruição no ano 70 d.C., as peregrinações desapareceram e só reaparecem a partir do século IV.

Do ponto de vista histórico as peregrinações vão reaparecer por volta do século IV, após o imperador Constantino conceder liberdade de culto ao cristianismo no Império Romano em 313 d.C. Então foram retomadas as peregrinações aos túmulos dos mártires e à Terra Santa. Um testemunho conhecido de peregrinação nesse período é o *Itinerarium Egeriae* (Peregrinação de Egéria ou Etéria), um diário contendo as impressões de uma peregrina em viagem a Terra Santa (Vozes, 1971).

A partir do século VI as peregrinações estão relacionadas às práticas penitenciais. Na Idade Média houve “romarias de conquista” (Barros; Peregrino 1996, p. 53). As conhecidas Cruzadas foram convocadas pelos papas e reis para guerra religiosa contra os turcos muçulmanos que tomaram Jerusalém. No período posterior a Idade Média, as peregrinações vão se pautar pelas aparições marianas e estimulam deslocamentos a partir do século XIX.

As peregrinações realizadas atualmente têm características do período medieval, mas outros aspectos são relevantes para este estudo. Hoje já não se encontram os desafios e perigos da viagem e o contexto penitencial de outrora, “agora a procura pelo sagrado tem a ver com conceitos como crescimento pessoal e autorrealização do peregrino” (Rieger, 2014, p. 36).

Após breve definição da palavra “peregrinação”, seu termo semelhante “romaria” e a contextualização bíblica-histórica do tema, aprofunda-se sobre as festas judaicas de peregrinação e as relaciona com a peregrinação na festa da Imaculada Conceição do Morro em Recife.

2.1 As festas judaicas de peregrinação

As festas são ritos de passagem porque marcam os acontecimentos da vida. Para o povo de Israel são momentos de encontro com Deus. Desde sua compreensão de Eleição e Aliança, os passos dados em sua história foram acompanhados por Deus.

Para a compreensão das festas judaicas é necessário conhecer o calendário judaico, pois “o calendário marcava o tempo da vida, indicava a época do plantio e da colheita, da fartura e da miséria, da guerra e da paz” (Coelho, 1999, p. 27). No período nômade, a maneira de observar o tempo era pela luz do dia, seu entardecer e a escuridão da

noite. Em Gn 1,31, há a indicação de como contar os dias: “houve uma tarde e uma manhã”.

O calendário judaico conta a partir do ciclo lunar, pois no “calendário lunar, o dia começa ao pôr do sol (quando começam a ver a lua e as estrelas) (Boscolo, 2021, p. 159). Os dias da semana não tem nome e em toda semana existe o sábado, o dia do descanso. No período sedentário quando já estavam fixados a terra, os aspectos da contagem do tempo mudaram e dependiam da natureza para marcar os passos da vida, importante eram as estações, os ventos, as chuvas, as secas que marcavam o período de um ano.

Assim, as festas agrícolas para Israel adquiriram caráter religioso, tempo de encontro com Deus “que regia a natureza, permitia ao homem os benefícios da terra, mas, diferente dos outros deuses, estabelecia uma relação com o ser humano” (Coelho, 1999, p.28). São os encontros marcados entre Deus e o seu povo eleito.

No livro do Êxodo, Deus orienta Moisés acerca das festas de Israel (Ex. 23,14-17). São estabelecidas as chamadas festas de instituição mosaica que “estão, de fato, relacionadas na Torá e apresentam-se como preceitos divinos. Além da neomênia, Rosh Hodesh, existem três festas de peregrinação: a Páscoa, Pesah; o Pentecostes, Shavuot; as Tendas, Sukkot (Avril, 1997, p. 7). Além dessas, há as festas da Hanucá, festa das luzes – restauração do templo; Purim, salvação do povo judeu pela rainha Ester; Yom Kippur, o dia da expiação (Boscolo, 2021, p.160-161).

Em vista do escopo deste trabalho faz-se necessário um breve comentário das festas judaicas de peregrinação, em seu aspecto agrícola e religioso e suas características principais.

Pessah significa Páscoa em hebraico. Significa passagem, passar por cima, saltar, em referência ao que Deus tinha dito aos israelitas que passaria adiante das casas marcadas com o sangue do cordeiro e não haveria o flagelo destruidor entre eles (Ex 12,13). Essa festa tem três aspectos distintos: agrícola, histórico e religioso.

O aspecto agrícola aponta para origem e a define como uma “festa pastoril de primavera, pré-israelita, marcada pelo sacrifício de animal novo, com um ritual de

sangue, para obter a fecundidade dos rebanhos” (Avril, 1997, p. 27). Outra possibilidade seria a origem agrícola da festa referindo-se à primeira colheita do ano.

Quanto ao aspecto histórico a referência é a libertação do povo do Egito. Deus que poupa seu povo da escravidão e da morte. Já o aspecto religioso “celebra o amor e a fidelidade de Deus na Aliança realizada com os Patriarcas e o povo de Israel, libertando-os da terra da opressão e dirigindo-os ao Sinai, onde receberam, mais tarde, a Torá” (Coelho, 1999, p. 54).

Boscolo apresenta os elementos principais da celebração da Páscoa que acontece durante uma refeição familiar, “a ceia ritual (Séder), onde se lia a narrativa do Êxodo. O filho mais novo apresentava ao chefe de família as “perguntas” relativas ao fato de comer o pão não fermentado (Matzan) e as ervas amargas (Maror)” (2021, p. 162).

Shavout é a festa das Semanas, pois a palavra em hebraico significa semanas. Comemora-se sete semanas depois de Pessah. “A tal contagem corresponde o nome grego da festa: Pentecostes (pentékonta = o quinquagésimo dia)” (Boscolo, 2021, p. 162). Assim as festas de Pessah e Shavout estão interligadas e se complementam, pois “Pesah somente atinge sua plenitude se completada por Shavout [...] Shavout é encerramento, conclusão de Pesah” (Avril, 1997, p. 51)

Esta festa possui dois aspectos: o agrícola e o religioso. Para o aspecto agrícola “sua origem é anterior ao êxodo do Egito; comemorava a colheita de cereais no final da primavera” (Coelho, 1999, p. 67). Era costume do povo de Israel levar ao templo de Jerusalém as primícias dos cereais e frutos desse período do ano, em ação de graças pelo dom da terra e abundância de alimentos. Para o aspecto religioso da festa comemora-se o dia “em que Deus revelou Sua Palavra no monte Sinai, e entregou a Torá ao povo” (Coelho, 1999, p. 68). Se a Pessah significou a libertação física do povo no Egito, Shavout significa a libertação espiritual. É a festa do Dom da Torá.

Como características da celebração do Shavout nas sinagogas “são lidos os capítulos referentes à promulgação das “Dez Palavras” (Dez Mandamentos), do livro do Êxodo 19,1 ao 20,23 (Coelho, 1999, p. 72). Também é lido o livro de Rute, pois sendo estrangeira quis pertencer ao povo de Israel e viver segundo a Torá. As sinagogas

são decoradas com ramos verdes e flores para recordar que no deserto árido a Torá fertilizou a terra seca e fez brotar a vida.

Sucot em hebraico significa “cabanas” ou “tabernáculos”. É a festa das tendas para lembrar o tempo que o povo morou no deserto em caminhada à Terra Prometida. Possui dois aspectos: o agrícola e o religioso. O agrícola está relacionado com a última colheita antes do inverno. O aspecto religioso recorda que Deus armou sua tenda entre os homens e providenciou o necessário até chegar a Canaã (Coelho, 1999, p. 79-80).

As características de Sucot são a confecção de uma cabana, mesmo que de maneira simbólica e com materiais como ramos e palmeiras para lembrar como os antepassados viveram no deserto. Existe o rito do lulav e do salgueiro que é um feixe reunido por quatro espécies de plantas: a palmeira, a murta, o salgueiro e a cidreira que simbolizam a colheita do outono. “Quando as agitam no ar nas quatro direções, por ocasião da recitação do Hallel durante o ofício da manhã, estas plantas expressam o louvor ao Criador” (Avril, 1997, p. 66). Outras características são a prece pela chuva no oitavo dia e a festa da alegria da Torá.

As festas de Pessah, Shavout e Sucot são as três festas de peregrinação a Jerusalém. Com suas características e simbologia próprias, partindo de elementos agrícolas são revestidas de caráter religioso. Festas preparadas com zelo e carinho, com suas comidas típicas, músicas e orações, afinal é tempo de encontro com Deus, para apresentar suas ofertas e render ação de graças.

Tendo esse contexto bíblico por base, volta-se o olhar para a peregrinação na festa da Imaculada Conceição do Morro em Recife, extraíndo os elementos históricos, sociais e teológicos que estão inseridos no movimento da peregrinação e neste lugar.

2.2 A peregrinação na Festa da Imaculada Conceição do Morro – Recife

Partindo do que foi abordado anteriormente sobre o desenvolvimento das peregrinações a partir do séc. IV, o nosso horizonte será a contextualização da peregrinação na devoção mariana e popular inserida na cidade de Recife. Recordamos que “as peregrinações cristãs da atualidade mantêm características medievais ocorrendo como expressão de culto aos santos e à Virgem Maria, que

figuram como intercessores na mediação entre o céu e a terra (Cordeiro, 2011, p. 91). Nisso, percebe-se um distanciamento na relação do povo com Deus, pois agora o foco da peregrinação é para o encontro com Deus através de uma figura mediadora.

A peregrinação ao Morro da Conceição está diretamente relacionada à instalação da imagem da Imaculada Conceição, em 1904, em comemoração aos 50 anos de proclamação do dogma mariano. O Papa Pio IX, em 8 de dezembro de 1854, definiu o dogma pela bula *Ineffabilis Deus* promulgando a afirmação doutrinária de que a Bem-Aventurada Virgem Maria foi preservada do pecado original desde sua concepção

Para a honra da santa e indivisível Trindade, para adorno e ornamento da Virgem Deípara, para exaltação da fé católica e incremento da religião cristã, com a autoridade de Nosso Senhor Jesus Cristo, dos bem-aventurados apóstolos Pedro e Paulo e Nossa, declaramos, proclamamos e definimos: a doutrina que sustenta que a beatíssima Virgem Maria, no primeiro instante de sua conceição, por singular graça e privilégio do Deus onipotente, em vista dos méritos de Cristo, Salvador do gênero humano, foi preservada imune de toda mancha da culpa original, é revelada por Deus e por isso deve ser crida firme e constantemente por todos os fiéis (Denzinger, n. 2803, p. 615).

Antes da definição dogmática, a Imaculada Conceição de Maria já era difundida pelos fiéis e o clero, assim “confirmou o que já era aceito por boa parte do povo católico e se desenvolveu no correr de séculos pela devoção mariana (Murad, 2012, p. 161). Em 1904, por ocasião do jubileu da proclamação do dogma o Papa Pio X, então pontífice do período, conclama o povo “[...] nestas circunstâncias, Veneráveis Irmãos, é para este fim que devem ter em vista todas as solenidades que por toda a parte se preparam em honra da santa e Imaculada Conceição de Maria” (*Ad Diem Illum Laetissimum*, 1904).

Prontamente a Diocese de Olinda acolhe o pedido do Papa e o bispo Dom Luiz Raimundo da Silva Brito decide “erguer um monumento em alto pedestal, com altar na base para celebração de missas, sobre uma das colinas da cidade do Recife” (Santana, 2022, p. 29). O local escolhido para a empreitada era conhecido como Morro da Boa Vista ou Bela Vista pelo panorama privilegiado da vista do alto do monte.

A Sociedade de São Vicente de Paulo ficou designada através de comissões para a realização dos trabalhos. Houve grande divulgação pela imprensa e arrecadação de

doações, além da escolha do local e como seria a imagem. Os trabalhos aconteceram durante todo o ano de 1904. Antes da inauguração foram realizadas Santas Missões para preparar o povo para o grande dia (Santana, 2022, p. 30).

O dia 8 de dezembro de 1904 transcorreu em marco solene não só para a Diocese de Olinda, mas para todo o Estado de Pernambuco. A quantidade de participantes do evento superara as expectativas dos organizadores e foi um grande marco na história da cidade do Recife. A partir de então o local ganha novo nome, Morro da Conceição, e “demonstra como rapidamente o local foi ligado à santa e ela acabou cedendo a ele seu nome” (Lopes Neto, 2021, p. 56).

Muitos foram conhecer o novo espaço que surgia mesmo não sendo fiéis. Queriam ver o monumento, mas também ver a cidade por novos ângulos, apreciar as belezas naturais das redondezas. Em 1906, foi construída a capela do Morro, em estilo gótico igualmente ao estilo da imagem. E os arredores do Morro da Conceição foram sendo habitados por gente simples e humilde que fugia das áreas alagadas da cidade e que veio morar aos pés da santa (Santana, 2022, p. 33).

Em 1975, foi instituída a Paróquia de Nossa Senhora da Conceição do Morro. Em 2008 houve a reforma da igreja com um estilo mais moderno, com paredes de vidro. Santana comenta: “com o crescente número de fiéis e devotos de Nossa Senhora, foi ganhando um caráter de santuário, que nasce do povo” (2022, p. 121) e, em 2015, foi elevada à condição de santuário arquidiocesano aos cuidados da Congregação do Santíssimo Redentor, os Missionários Redentoristas.

A festa da Imaculada Conceição é considerada a maior em expressividade mariana do Recife. A contribuição da festa para a tradição religiosa e cultural do estado lhe rendeu o título de patrimônio imaterial de Pernambuco em 2022. Os dias da festa geralmente são realizados de 28 de novembro a 8 de dezembro e contam com boa preparação e estrutura para acolher os fiéis, devotos e peregrinos que sobem o morro a pé para homenagear Nossa Senhora.

A movimentação nos dias de festa é intensa. Peregrinos e devotos que vem de outras paróquias, até mesmo de outros municípios e estados para participar. Albuquerque e Brandão afirmam que

São pessoas que diante de sua santa de devoção, se emocionam, se ajoelham, rezam em voz alta, ou mesmo silenciosamente; acendem suas velas, pagam suas promessas – uns sobem ajoelhados, outros de costas; uns carregam tijolos nas cabeças, muitos trajam mortalhas (2009, p. 207).

O reitor do santuário, padre Emerson Borges, referindo-se à festa, comenta: “Ela acolhe a todos que passam aqui no Morro, lugar de peregrinação, de encontro dos irmãos que vêm celebrar sua fé e reafirmar o compromisso de cristãos diante da icônica imagem da Imaculada” (Pastoral da Comunicação da Arquidiocese de Olinda e Recife, 2023). Nossa Senhora da Imaculada Conceição é considerada a padroeira afetiva de Pernambuco, já que os padroeiros oficiais de Recife são Santo Antônio e Nossa Senhora do Carmo.

Como toda festa tem suas especificidades e liturgia própria, aborda-se agora o uso dos cantos nessas liturgias de peregrinação: o saltério no caso do povo bíblico e os cantos religiosos e da cultura popular presentes na festa da Imaculada Conceição do Morro.

3 OS CANTOS NAS FESTAS DE PEREGRINAÇÃO BÍBLICA E NO MORRO

A palavra Saltério vem do grego *Psaltérion* para indicar o instrumento de cordas que acompanhavam o canto dos salmos. O Saltério é o agrupamento das coleções de salmos que reúne 150 salmos em 5 grupos ou blocos que são separados por pequenas doxologias: São eles: 1–41; 42–72; 73–89; 90–106; 107–150.

Os salmos são expressão de uma experiência espiritual do povo de Israel com o seu Deus e são conhecidos como verdadeiras poesias e orações, pois, apresentam várias formas literárias em sua composição. Encontram-se salmos de súplicas coletivas, súplicas individuais, ação de graças, salmos régios, penitenciais, de confiança, litúrgicos, cantos de Sião, sapienciais.

Os salmos de subida são uma coleção que para a maioria dos autores eram cantados pelos peregrinos que subiam a Jerusalém por ocasião das festas anuais e correspondem aos salmos 120 a 134. “Os cantos de peregrinação eram entoados no começo da romaria e ao final da mesma, que coincidia com a chegada em Jerusalém” (Asensio, 1994, p. 351) .

Em textos judaicos como a Mishná existem testemunhos das peregrinações e como eram realizadas. No tratado Bikkurim (3.3) fala-se dos primeiros frutos ofertados ao Senhor, levados ao templo em peregrinação. Um flautista ia tocando a frente até que se aproximasse de Jerusalém. No tratado Sukkah há um comentário sobre a festa das tendas no qual indica a execução dos salmos de subida já no templo, pois diz:

[...] os levitas tocavam liras, harpas, címbalos e trombetas, e inúmeros outros instrumentos musicais. Os músicos ficavam nos quinze degraus que desciam do pátio dos israelitas até o pátio das mulheres, correspondendo aos quinze cânticos das subidas nos Salmos, ou seja, capítulos 120-134, e sobre os quais os levitas ficam de pé com instrumentos musicais e recitam suas canções (Sukkah 51b,1).

Dentro desse bloco de salmos é possível encontrar elementos que identificam o movimento de peregrinação. O Sl 121 fala da proteção de Deus durante a peregrinação, pois “lahweh te guarda de todo o mal, ele guarda tua vida: lahweh guarda a tua partida e chegada, desde agora e para sempre (Sl 121,7-8). O Sl 122 fala da alegria de chegar à cidade santa, Jerusalém, “que alegria quando me disseram: “Vamos à casa de lahweh!” por fim nossos passos se detêm às tuas portas, Jerusalém!” (Sl 122,1-2).

Esses salmos de subida são relidos ou inculturados à realidade do povo do Morro no trabalho realizado pelo padre Reginaldo Veloso ao musicar alguns salmos de subida para as romarias do nordeste que estão reunidos no livro “Ofício de romaria”, publicado pela editora Paulus no ano de 2013.

A festa da Imaculada Conceição do Morro, por sua vez, tem cantos ou cânticos próprios para os dias da festa. Não são propriamente litúrgicos, mas expressam a alegria e a gratidão dos fiéis que sobem o morro a pé. Foi possível identificar três cantos que são expressão popular e religiosa da festa: “Nossa Senhora da Conceição” de Dominginhos, “Hino de Nossa Senhora da Conceição” e “Lá vem a barra do dia”, canto de aclamação ao Evangelho da missa das 4h do dia 08 de dezembro que tradicionalmente era cantado por dona Severina Santana, dona Sevi.

Lá vem a barra do dia!
Lá vem o filho de Maria!
A vida vence a morte, para nossa alegria!
Aleluiá, aleluiá
Aleluiá, aleluiá! (Letra e melodia de Reginaldo Veloso)

“Subir o morro a pé seguindo a procissão, hoje é dia de festa de Nossa Senhora da Conceição” é o que mais se canta nesses dias. Afinal o movimento é este, tanto físico como espiritual, de subir, de ir ao encontro de Deus. Como os antigos israelitas, hoje os cristãos da cidade do Recife, e de outros lugares do estado, têm seus próprios cantos cânticos para ajudá-los a fazer a experiência com o transcendente. Essa experiência exige esforço e renúncia, talvez por isso, não seja suficiente ir em romaria, é preciso subir o morro a pé. Tanto o povo bíblico como o “povo do Morro” sobe ao lugar mais alto para encontrar a Deus, por isso o próximo passo é a análise da teologia da “subida”.

4 A TEOLOGIA DA “SUBIDA” AO MONTE/MONTANHA: NO ANTIGO ISRAEL E NO MORRO DA CONCEIÇÃO

O simbolismo da montanha na Sagrada Escritura faz referência ao lugar de encontro com Deus, o lugar da revelação divina. Temos como exemplos Moisés e Elias que subiram até o Monte Horeb, o monte de Deus. Outra tradição identifica como Monte Sinai. Assim, a montanha é local da teofania (Ex 3,1; 1Rs 19,8). Moisés recebeu as tábuas da Lei na montanha santa e Elias faz a experiência de Deus sentindo sua presença na brisa suave (Ex 19-20; 1Rs 19,9-18).

Temos outros montes/montanhas conhecidos como lugares de encontro com Deus, de adoração e de sacrifícios: Garizim (Dt 11,29; 27,12); Hermon (Js 12,1); Monte Sião (Jl 4,17); Monte Tabor (Jz 4,14) que também é o Monte da Transfiguração onde Jesus transfigurou-se diante seus discípulos Pedro, Tiago e João (Mt 17,1-5).

O fato de que para encontrar com Deus o israelita precisa de algum modo subir uma montanha ou monte, leva à consideração desses lugares. Por que estes e não outros? Os lugares altos aos quais os israelitas subiam para adoração supunham uma teofania, ou seja, uma manifestação divina. O rei Davi, no início de seu reinado, conquistou Jerusalém que era terra dos jebuseus, instalou-se na fortaleza de Sião e lhe chamou Cidade de Davi (2Sm 5,6-9). Sob seu reino foram unificadas as doze tribos de Israel, reinou sobre Judá e Israel. Escolheu estrategicamente Jerusalém, pois era um local neutro que não teria problemas nem com as tribos do Norte e nem com as do Sul.

Porém o governo na capital precisava ser legitimado pela teocracia. Para isso, era necessário ter um santuário ao Deus de Israel. Como Jerusalém estava sobre uma colina que não recebera uma teofania divina era necessário sacralizar a cidade. “A solução encontrada por Davi foi resgatar a importância da arca do “Senhor dos exércitos” e transferi-la para sua nova capital transformando-a numa cidade santa (Gomes; Andrade, 2022, p. 369).

Assim, Davi instalou a arca do Senhor em Jerusalém e forçava as tribos do norte a subirem para adorar a Deus neste lugar. O aspecto político existente é deixado em segundo plano, pois o que é importante é a escolha de Deus para morar em Jerusalém. O Sl 132,13-14 diz: “porque Iahweh escolheu Sião, desejou-a como residência própria: “Ela é meu repouso para sempre, aí habitarei, pois eu a desejei”, deixando claro que Deus escolheu morar em Jerusalém e Davi só realizou a sua vontade.

Mas, a conclusão da sacralização de Jerusalém se dará com a construção do Templo por Salomão. Jerusalém torna-se símbolo teológico, pois “é uma cidade sagrada, morada e trono de Iahweh (Jr 3,16s; Jl 4,17) [...] Jerusalém tornou-se símbolo do contato entre Deus e os homens, o local de onde se irradia a salvação” (McKenzie, 1983, p. 478).

Pensar nas motivações para sacralizar locais para o culto e peregrinação revela um componente que vai além do aspecto religioso. Este, torna-se o principal para mascarar aspectos secundários como o político, social e cultural. O que ocorre em Jerusalém e seu templo, guardada a devida distância, verifica-se também no Morro da Conceição.

Instalar a imagem da Imaculada Conceição no ponto mais alto da cidade do Recife tinha além dos motivos religiosos descritos a partir do pedido papal, também motivos políticos, da república no Brasil, em relação ao estado laico e a liberdade de culto e a presença marcante das demais denominações religiosas.

Lopes Neto comenta sobre os aspectos políticos que o evento proporcionou, pois, a imagem era uma homenagem dos pernambucanos a Nossa Senhora e não somente dos católicos, pois,

[...] além do objetivo de realizar propaganda, de fazer pensar, de demarcação territorial e catequização, foram dadas algumas vezes, conotações políticas, buscando se contrapor à laicidade do Estado, à secularização dos costumes, à liberdade de culto e para apresentar a religião católica como elemento unificador da sociedade (Lopes Neto, 2021, p. 53).

No dia da inauguração estavam presentes autoridades civis e “as bandas de música executavam o Hino Nacional” (Santana, 2022, p. 32), para demonstrar o reconhecimento do poder civil e a legitimação da mensagem que a Igreja passava de que a cidade era católica. E assim, o Morro da Conceição foi “santificado” pela santa.

Fato é que após a inauguração da imagem, a nova devocão ganhou forma e amplitude. Com o passar do tempo, os aspectos políticos ganharam outras tonalidades. É o Morro das lutas. Um exemplo foi a criação do Movimento de Evangelização Encontro de Irmãos, por Dom Hélder Câmara, em 1969. “É pobre evangelizando pobre, aprendendo a viver a Palavra de Deus e a se conscientizar dos seus direitos e deveres (Santana, 2022, p. 81).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O movimento de subir a montanha revela seus motivos, suas limitações e dificuldades. A razão para se subir a montanha é um apelo espiritual para se fazer a experiência de Deus. Mas subir exige esforço físico e renúncia para vencer os obstáculos. Importa recordar o que fez Jesus: tomou o firme propósito de subir a Jerusalém, pois sabia o que o aguardava lá (Lc 9,51).

Como Jerusalém foi santificada pela presença da Arca da Aliança, o Morro da Conceição foi santificado pela presença da imagem de Maria sob o apelativo Conceição e por isso ganhou o atual nome. A Imaculada Conceição conquistou o coração do povo pernambucano. O aspecto religioso tornou-se tão grandioso que transformou a comunidade tanto social, como culturalmente.

A homenagem à Nossa Senhora pelos 50 anos da proclamação do dogma da Imaculada Conceição de Maria em 1904 transformou-se em uma tradicional festa mariana de Pernambuco. Assim como o Templo de Jerusalém tornou-se referência para as pessoas de encontro com Deus em seu culto e suas festas, o Morro da

Conceição faz a experiência do encontro com Deus através dos louvores a Virgem Maria.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Deise; BRANDÃO, Sylvana. Santuário de Nossa Senhora da Conceição e o processo de romanização. In: *III Colóquio de História – Brasil: 120 anos de República*. Recife: Unicap, 2009.
- ASENSIO, Víctor Morla. *Libros sapienciales y otros escritos*. Navarra: Verbo Divino, 1994.
- AVRIL, Anne-Catherine; MAISONNEUVE, Dominique da la. *As festas judaicas*. São Paulo: Paulus, 1997. (Documentos do mundo da Bíblia; 11)
- BARROS, Marcelo; PEREGRINO, Artur. *A festa dos pequenos: romarias da terra no Brasil*. São Paulo: Paulus, 1996.
- BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002. Nova edição revista e ampliada.
- BOSCOLO, Gastone. *A Bíblia na história: introdução geral à Sagrada Escritura*. São Paulo: Paulus, 2021.
- COELHO, Antonio Carlos. *Encontros marcados com Deus: expressão da unidade do povo de Deus: as festas judaicas e o cristianismo*. São Paulo: Paulinas, 1999. (Coleção: Midraxe)
- CORDEIRO, Maria Paula Jacinto. *Entre chegadas e partidas: dinâmicas das romarias em Juazeiro do Norte*. Fortaleza: IMEPH, 2011.
- DENZINGER, Heinrich. Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral da Igreja católica. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2006.
- GOMES, Rita Maria; ANDRADE, Aíla Pinheiro de. Jerusalém, lugar sagrado desde quando e para quem?: história política e religiosa. In: *Anais do VIII Congresso da ANPTECRE – Volume I - GTs*. Porto Alegre, RS: Editora Fundação Fênix, 2022.
- LÁ VEM a barra do dia. Compositor: Reginaldo Veloso. In: Ofício de Romaria. São Paulo: Paulus, 2014. CD, faixa 1, 4min e 29s. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=t00llv2uuJw&list=OLAK5uy_lqq8tMXQv67I6h2briGHpKNGGsrvfQE9w&index=1. Acesso em: 25 de agosto de 2024.
- LOPES NETO, José Pedro. De modo a dominar bem a cidade: o monumento mariano no Morro da Conceição. In: *Revista Mosaico*, v.14, p. 51-64, 2021.
- MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulus, 1983.
- MURAD, Afonso Tadeu. Maria toda de Deus e tão humana: compêndio de mariologia. São Paulo: Paulinas; Santuário, 2012. (Coleção peregrina na fé)
- Pastoral da Comunicação. Missionários redentoristas realizam 119ª Festa da Conceição do Morro. Conheça a programação que começa em 28 de novembro e vai até 8 de dezembro. In: ARQUIDIOCESE DE OLINDA E RECIFE. Recife, 23 nov. 2023. Disponível em <https://www.arquidiocesadolindarecife.org/missionarios-redentoristas-realizam-a-119a-festa-da-conceicao-do-morro-conheca-a-programacao-que-comeca-em-28-de-novembro-e-vai-ate-8-de-dezembro/>. Acesso em 24 de agosto de 2024.
- PEREGRINAÇÃO de Etéria: liturgia e catequese em Jerusalém no Século IV. Petrópolis: Vozes, 1971. (Fontes da catequese, 6).

- PIKAZA, Xabier. *Gran Diccionario de la Biblia*. Espanha: Verbo Divino, 2015.
- PIO X. *Ad Diem Illum Laetissimum*. Roma, 1904.
- RIEGER, Joerg. *Fé e viagens no mundo globalizado*. São Paulo: Paulus, 2014. (Coleção Novos caminhos da teologia)
- SANTANA, Severina Paiva de. *Aos pés da Santa: a história de um povo*. 3. ed. Recife: Ed. Do Autor, 2022.
- SUKKAH. In: *Talmud Babylon*. Disponível em: <https://www.sefaria.org/Sukkah.51a?lang=bi>. Acesso em 20 de agosto de 2024.